



FORMAÇÃO DOCENTE E TRABALHO CONCRETO NA PERSPECTIVA DA TENDÊNCIA HISTÓRICO-CRÍTICA: algumas considerações da práxis

Andréa Kochhann

(Docente da UEG, Doutoranda em Educação pela UnB)

RESUMO: Discutir sobre o trabalho concreto perpassa por discutir sobre a formação docente, tanto inicial quanto continuada. A formação docente e o trabalho concreto precisam ser analisados pelo currículo escrito e praticado, pelas políticas educacionais, pelas condições materiais de trabalho mas, principalmente pela tendência pedagógica. Defendemos a Tendência Histórico-Crítica como alicerce da formação docente e do trabalho concreto. Os cursos de licenciaturas precisam discutir essa questão.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Docente. Trabalho Concreto. Tendência Histórico-Crítica.

INTRODUÇÃO

Discutir sobre a formação docente e o trabalho concreto passa a ser uma necessidade nos dias atuais, visto as dificuldades que encontramos nos discursos dos docentes e futuros docentes, durante os estudos que realizamos ao longo de 12 anos de pesquisa que realizamos, bem como dos eventos que participamos e presenciamos os relatos.

Mediante essa necessidade apresentamos que a formação docente e o trabalho concreto precisam ser pensados por pelos menos três aspectos: currículo escrito e praticado, políticas educacionais e condições materiais de trabalho. Esses aspectos estão imbricados na tendência pedagógica vigente. Destarte, nossa defesa é que os três aspectos podem ser sustentar na concepção da Tendência Histórico-Crítica, que visa uma educação crítica, contextualizada e com caráter emancipador. Mas, é uma tendência contra-hegômica.

FORMAÇÃO DOCENTE E TRABALHO CONCRETO

Seguindo os caminhos de Marx e Gramsci, discutimos a Tendência Histórico-Crítica, uma pedagogia contra hegemônica, criada por Saviani, como sendo o alicerce para a formação



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

docente e o trabalho concreto, perpassando pela discussão curricular de Goodson quanto ao currículo e Curado Silva sobre práxis crítico-emancipadora.

A formação docente, seja inicial ou continuada, precisa ser pensada como um processo de sedimentação da unidade de conhecimentos teóricos e práticas pedagógicas, o que configura a práxis. Na formação docente, o currículo, influencia de maneira ímpar, pois é segundo Goodson (2013) é um documento norteador de práticas carregado de intencionalidade, o que justifica o currículo estar sempre em movimento, não ser neutro, ser político e cultural. Portanto, como o autor as pessoas que elaboram o currículo precisam ser os mesmos que irão colocá-lo em prática, para evitar um distanciamento entre o escrito e o proferido.

Pensar no currículo é pensar no domínio teórico e metodológico para a formação docente. Isso reflete diretamente no trabalho concreto que o futuro docente irá realizar. É possível encontrar muitos currículos escritos de forma exemplar, atendendo toda legislação e apresentando condições materiais para sua efetivação qualitativa, mas quando analisado em seu contexto real se configura outro currículo, fugindo de seus princípios ou sem atender as necessidades de formação docente.

É preciso se atentar também para as políticas educacionais que sustentam a elaboração curricular, visto que conforme as demandas legais o currículo é elaborado. Este pode ser um grande marco no debate educacional, pois muitos documentos apresentam forte tendência para a formação docente voltada para o mercado capitalista. Um exemplo atual é o Projeto de Lei da Reforma do Ensino Médio, que a nosso ver, influenciará na elaboração curricular trilhando caminhos da profissionalização em detrimento da formação crítica, da autonomia e da luta pela emancipação humana, estes que são princípios de luta de Marx (2006) e Gramsci (1995).

A formação docente, tanto inicial quanto continuada, alicerça o trabalho concreto. Na verdade é um processo cíclico, pois o trabalho concreto dos docentes durante a formação de seus discentes influencia a formação docente. Não são processos separáveis, mas concomitantes. O trabalho concreto para ser realizado leva em consideração o currículo formativo, que é elaborado segundo as políticas educacionais vigentes. Para além dessas questões, outro fator relevante são as condições materiais de trabalho. A precariedade de estrutura física de muitos espaços escolares, a baixa remuneração, a falta de concurso e de plano de carreira, as relações com os pares, a visão institucional, dentre outros podem ser fortes entraves para o desenvolvimento do trabalho concreto.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Apesar dos pontos acima citados, defendemos uma educação que vise a formação docente e o trabalho concreto para a crítica, a autonomia e a luta pela emancipação humana. Por isso, concordamos com Saviani (2011) ao apresentar a Tendência Histórico-Crítica, como pedagogia contra-hegemônica, que valoriza a práxis, unidade teoria e prática, pelo movimento da dialética, contradição e totalidade. A proposta contra-hegemônica apresentava como intuito discutir a educação em abordagem dialética que vai contra o modismo da Escola Nova.

Saviani (2011) apresenta que a educação brasileira, que passou da influência jesuítica e elitista, no período da democracia viveu uma aparente mudança na educação, com a Educação Nova, a partir do Manifesto dos Pioneiros da Educação, em 1932. Contudo, não significou de fato uma educação crítica e democrática. A partir da década de 1960, surge a tendência tecnicista, que de fato não tinha nada de educação crítica e democrática. Saviani (2011, p. 17) apresenta que

Tendo claro que é o fim a atingir que determina os métodos e processos de ensino-aprendizagem, compreende-se o equívoco da Escola Nova em relação ao problema da atividade e da criatividade. Com efeito a crítica ao ensino tradicional era justa, na medida em que ensino perdeu de vista os fins, tornando mecânicos e vazios de sentido os conteúdos que transmitia. A partir daí a escola Nova tendeu a classificar toda transmissão de conteúdo como mecânica e todo mecanismo como anticriativo, assim como todo automatismo como negação da liberdade.

Levando em consideração o modo de produção capitalista que o Brasil vivia na década de 1970 e por consequência o modelo de educação, que se caracterizava enquanto tecnicista e reprodutora para reforçar as desigualdades sociais, Demerval Saviani começou a discutir o que seria a pedagogia histórico-crítica, a qual foi fundamentada e construída com a compreensão da teoria de Marx (2011) do materialismo histórico dialético.

A pedagogia histórico-crítica tem suas raízes desde a década de 1960 quando o professor Dermeval Saviani, em sua atuação docente, passa a questionar a pedagogia vigente, a tecnicista. Mas, de fato a pedagogia histórico-crítica teve suas primeiras discussões em 1979 quando o professor Dermeval Saviani coordenava uma turma de doutorado em Educação, com onze alunos, inclusive Carlos Roberto Jamil Cury, na PUC-SP. Seus alunos lhe sugeriram que ministrasse uma disciplina chamada “Pedagogia Revolucionária”, para discutir uma tendência educacional que viesse a contrapor com a Educação Nova e com a Educação Tecnicista.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Nos anos 80 a vertente histórico-crítica ganhou lugar no Brasil, trazendo novos rumos pra a produção pedagógica. As visões dentro dessa vertente eram de produção crítica por meio do materialismo dialético. No Brasil foi Dermeval Saviani, que defendia seus ideais por meio dessa vertente. Para Saviani (2011, p. 56) “A *pedagogia histórico-crítica* vai tomando forma à medida que se diferencia no bojo das concepções críticas; ela diferencia-se da visão crítico-reprodutivista, uma vez que procura articular um tipo de orientação pedagógica que seja crítica sem ser reprodutivista.”

A pedagogia histórico-crítica traz uma concepção de que o homem deve conhecer a prática social e a prática educativa. De acordo com Saviani (2011, p. 7)

[...] o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e agir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo.

Essa tendência se configura em cinco fases metodológicas, tendo a prática social como início e fim do processo, tais sejam: prática social inicial (conhecimentos prévios), problematização (questões norteadoras), instrumentalização (metodologias), catarse (domínio teórico escrito ou oral) e prática social final (aplicar na vida). A luta pela efetivação dessa tendência na formação docente e no trabalho concreto será imensa, já que a mesma não segue os princípios das políticas educacionais capitalistas que são hegemônicas. Saviani (2008, p. 131) assevera que

O ponto de partida metodológico da pedagogia histórico-crítica não é a *preparação* dos alunos, cuja iniciativa é do professor (pedagogia tradicional), nem a *atividade*, que é de iniciativa dos alunos (pedagogia nova), mas é a *prática social* (primeiro passo), que é comum a professores e alunos.

Saviani (2008, p. 131) ainda mostra que a pedagogia histórico-crítica não se assemelha as tendências tradicionais e escolanovismo quando afirma que

[...] não é a *apresentação* de novos conhecimentos por parte do professor (pedagogia tradicional), nem o *problema* como um obstáculo que interrompe a atividade dos alunos (pedagogia nova), mas é a *problematização*, isto é, o ato de detectar as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e como a educação poderá encaminhar as devidas soluções.

Para Saviani (2008, p. 103) a instrumentalização consiste na



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Apreensão [...] dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social. [...] que a *práxis* do professor deve ir de encontro com o aluno, na sua constituição social, para que as mudanças aconteçam dentro da escola na construção da consciência do aluno não seja algo, todavia, no abstrato, mas concreta na concepção de contradição da realidade.

A fase da *Catarse* segundo Saviani (2008, p. 80 - 81),

[...] *catarse* é a expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu. [...]. Seria o momento em que o aluno demonstra que está entendendo o assunto que está sendo discutido. Fase que o aluno assimila os conteúdos trabalhados com os que foram realizados anteriormente. É um momento considerado muito importante no processo educacional levando em conta a passagem da *síncrese* à *síntese*.

Saviani (2011, p. 80) diz que é necessário

[...] compreender a educação no seu desenvolvimento histórico-objetivo e, por conseqüência, a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação [...]

Como a nossa defesa é por uma transformação da sociedade para a emancipação, defendemos que as cinco fases da tendência devem se apoiar na *práxis* crítico-emancipadora, para Curado Silva (2008, p. 45) “[...] a *práxis*, ou seja, a unidade teoria e prática não acontece na imediatividade a partir de modelos e nem por meio de teorias superficiais, ou mesmo resultado de pesquisas que apenas descrevem ou confirmam a realidade.”

É preciso a compreensão de que as ações docentes devem ser pensadas para a emancipação e isso será de forma mediata, por meio de um processo de mudança de hábitos, de pensamentos e de ações. Sendo assim, é preciso deixar uma reflexão profícua sobre nossa formação e o trabalho, visando uma *práxis* emancipadora, que para Curado Silva (2008, p. 45) “Uma *práxis* emancipadora só pode ser construída se a atividade for analisada e modificada em sua forma (aparência) e em seu conteúdo (essência). Refletir para conhecer a realidade não é o movimento simples de pensar sobre os problemas cotidianos, mas um devir histórico.”

Destarte Curado Silva (2008, p. 76) apresenta que o processo de alienação na formação docente e no trabalho concreto pode ser um grande dificultador para a unidade teoria e prática, pois



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

A busca da unidade entre teoria e prática exige, portanto, reflexão, o que, em virtude do processo de alienação, pode se configurar apenas em um procedimento superficial, que se traduz em pragmatismo referido ao imediato. Essa relação não pode ser vista de maneira simplista, pois não é mecânica, nem direta. Há uma ressignificação que a burguesia tenta dar aos termos, em especial ao termo “prática” e à expressão “unidade teoria e prática”, termo e expressão que não possuem, inequivocamente, o mesmo significado quando inseridos em um discurso que visa à emancipação humana.

Almejando a emancipação humana, Curado Silva (2008, p. 112), defende que “Numa visão crítica de educação, também se deseja constituir profissionais [...] para transformar a escola e a educação como um todo, com vistas à emancipação humana e ao fim da exploração do homem pelo homem.”. Para tal, a formação docente tem um papel fundamental. A concepção crítica pode favorecer ainda mais o processo da formação do estudante no sentido de criar condições coletivas para a transformação social, gerando possibilidade de emancipação para ambos. Curado Silva (2008) apresenta que não se pode afirmar que toda atividade prática seja uma práxis, mas toda práxis é uma prática.

Neste sentido, a educação deve ser alicerçada sobre as bases da *práxis* transformadora, ou seja, deve modificar a relação de sujeito-objeto, romper com o tradicionalismo, com uma educação que concede o conhecimento do materialismo histórico. Saviani (2008, p. 74), relaciona a teoria dialética do conhecimento com a metodologia de ensino-aprendizagem, diz que

O movimento que vai da síntese (a visão caótica do todo) à síntese (uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas) pela mediação da análise (as abstrações e determinações mais simples) constitui uma orientação segura tanto para o processo de descoberta de novos conhecimentos (o método científico) como para o processo de transmissão assimilação de conhecimentos (o método de ensino).

Acreditamos que somente com uma revolução na formação docente, partindo da síntese à síntese, podemos alcançar um trabalho concreto que valoriza o ser humano e não o mercado de trabalho. Essa discussão é agregada a todos os cursos de licenciatura, pois visa a emancipação humana.

CONSIDERAÇÕES



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

A formação docente e o trabalho concreto de fato precisam ser analisados pelo currículo escrito e praticado, pelas políticas educacionais, pelas condições materiais de trabalho. Mas, estes para serem compreendidos precisam ser analisados pela contradição, totalidade e dialética da tendência pedagógica que os alicerçam e que nós defendemos que seja a Tendência Histórico-Crítica.

Essa tendência contra-hegemônica visa a formação de um homem preocupado com seu tempo e espaço, por meio da análise da prática social para sua transformação. Pensando na transformação da prática social, a tendência se ancora nos princípios de Marx e valoriza a práxis, unidade teoria e prática, que pode viabilizar a emancipação do homem, por meio da consciência de si e das relações sociais que estabelecem.

A formação docente e o trabalho concreto tendo como alicerce a tendência histórico-crítica pelas vias da práxis, pode ser uma forma de enfrentar os desafios dos tempos atuais. Mesmo sendo contra-hegemônica é preciso que busquemos alternativas para romper com a formação tradicional e pragmática. Nossa visão é que a práxis pela tendência histórico-crítica pode fomentar uma formação docente crítica, que venha favorecer um trabalho concreto crítico.

REFERÊNCIAS

CURADO SILVA, K.A.C.P.C. **Professores com Formação Stricto Sensu e o Desenvolvimento da Pesquisa na Educação Básica da Rede Pública de Goiânia: realidade, entraves e possibilidades.** Tese. Goiânia: UFG, 2008.

GOODSON, Ivo. F. **Currículo: teoria e história.** São Paulo: Vozes, 2013.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1995.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos.** São Paulo, SP: Martin Claret Ltda., 2006.

SAVIANI, D. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. In: LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Demerval (orgs.). 2. ed. **MARXISMO E EDUCAÇÃO: debates contemporâneos.** Campinas: São Paulo: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.